



MIUDEZAS (DES)FORMATIVAS DOCENTES: ARTE E EDUCAÇÃO ESTÉTICA A PARTIR DE DENTRO

Michelle Dantas Ferreira ¹
Adriane Ogêda Guedes ²

RESUMO

Pensar a relação entre Arte, Formação docente e Educação Estética é a proposta central deste artigo, que busca tecer uma trama a partir de vivências e encontros que reúnem um grupo de professoras da Educação Básica municipal do Rio de Janeiro e seus corpos, suas expressões e silêncios, seus diálogos com as múltiplas linguagens. Trata-se de uma pesquisa de mestrado em andamento que trabalha com a metodologia de Pesquisa-formação e que tem como uma de suas heurísticas a proposição de vivências formacionais que integrem as dimensões humanas, a partir da (re)conexão dos sujeitos com sua potência criativa, com a inteireza do seu ser, com aquilo que lhes é visceral, que desperta os sentidos e traz um sentido outro ao fazer docente. Portanto, acompanhar as reverberações que essas formações, que têm como premissa a experimentação, suscitam no cotidiano institucional e na relação dos sujeitos, refletindo sobre a dimensão estética no processo formativo. Também é interesse desta pesquisa ressaltar um conhecimento que se experimenta nas frestas, nos caminhos para “desviver” o estabelecido, dando a ver de forma sutil e minuciosa, as marcas da autoria docente, os desejos, perguntas, propostas que realmente lhes interessam e que acabam soterradas em prazos, conteúdos, ansiedades e um olhar que não considera o miúdo das ações e relações.

Palavras-chave: Formação Docente, Arte, Educação Estética, Formação de dentro, Educação Básica.

INTRODUÇÃO

O presente artigo é fruto de reflexões advindas do percurso da pesquisa de Mestrado em Educação que venho realizando, desde 2019, na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), sob a orientação da Professora Dra. Adriane Ogêda Guedes. A investigação partiu de inquietações referentes à temática da formação docente e da sua relação com a Arte e a Educação Estética, temas que temos pesquisado desde 2014, quando criamos o Grupo de Pesquisa Formação e Resignificação do Educador: Saberes, Troca, Arte e Sentidos (FRESTAS), vinculado ao Núcleo Natureza Infância e Arte (NiNA), na já referida instituição pública federal de Ensino Superior.

¹ Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - RJ, michaduda@yahoo.com.br;

² Professora orientadora: Doutora, Faculdade de Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - RJ, adriane.ogeda@gmail.com.



O grupo de pesquisa citado é gestado ao final de um curso de extensão promovido pela UNIRIO em 2013, voltado para profissionais que atuavam na Educação Infantil das redes públicas do Rio de Janeiro, tendo como foco a relação entre arte, corpo e natureza, a partir de propostas vivenciais e de um mergulho nas múltiplas linguagens artísticas. Nunca havia participado de uma formação como esta, que considerava as/os cursistas em suas inteirezas, ou seja, entendendo-as/os como seres dotados de dimensões afetivas, históricas, biológicas, cognitivas, corporais, ambientais, emocionais e políticas, que se relacionam com os outros e com o mundo de forma integral, por meio dos sentidos, das expressões corporais, da racionalidade e da emoção, sem compartimentalizações, mas ao contrário, em uma profusão de saberes, agires e sentires que se constituem na relação que estabelecem entre “[...] as experiências trazidas de fora para dentro, de exigências externas individuais ou coletivas, mas também de dentro para fora, da essência do próprio educador, a partir de seus interesses, necessidades, valores, imaginação, intuição, crenças, saberes, vinculando-se à sua própria existencialidade.” (ANDRADE; PORTAL, 2012, p. 1-2).

Sou professora da Rede pública municipal do Rio de Janeiro desde 2002 e ao me deparar com esta formação, me senti chacoalhada, virada ao avesso, e isto reverberou em minhas práticas pedagógicas com as crianças e nas relações que fui estabelecendo com meus pares. Inevitavelmente, comecei a querer entender o que estava se passando, pesquisando com o recém criado FRESTAS, quais canais são acessados dentro de nós quando experimentamos com o corpo? O que muda em nosso processo de construção do conhecimento quando vivenciamos propostas de cunho formacionais (MACEDO, 2020)?

Desde 2014 temos participado e proposto formações – na graduação de Pedagogia e em forma de cursos de extensão voltados para profissionais das redes públicas do Rio de Janeiro – que dialoguem com uma concepção de docência aprendente e ensinante (FREIRE, 1993), na qual teoria, prática e pesquisa caminham juntas, imbricadas por vivências que, longe de buscarem reproduzir situações que ocorrem nas instituições educativas ou sejam receitas do quê e como fazer, construam relações e sejam:

[...] junto aos professores momentos de exercício de sua autoria, em que contem e vivam as suas histórias de corpo inteiro, estando disponíveis para vivenciarem tantas outras. Ao fazerem isso, estarão experimentando com o corpo todo, aprendendo de maneira profunda e duradoura e esse aprendizado



fica, por estabelecer fortes conexões com o emocional e não só com a razão.
(GUEDES; FERREIRA, 2020, p. 8)

Diante disso, ficou latente refletir acerca das formações docentes propostas aos profissionais das Educação Básica que em sua maioria são dadas por terceiros, que não estão familiarizados com as especificidades da Rede pública municipal, nem com as peculiaridades de cada instituição, se constituindo como um pacote pronto e homogêneo, que desconsidera a diversidade e as singularidades de realidades tão complexas como as que estamos inseridos. Por ocupar atualmente o cargo de gestora de um Centro Integrado de Educação Pública (CIEP), me proponho a questionar as formações gestadas e planejadas a partir de dentro (IMBERNÓN, 2010), que dialoguem com os interesses do grupo e considerem a nossa realidade.

O CIEP está localizado em um bairro da Zona Norte da Cidade do Rio de Janeiro, mais especificamente, dentro de uma favela que figura entre os menores Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) da América Latina. Nele, são atendidas cerca de 540 crianças da Educação Infantil – Pré-escola – ao 5º ano do Ensino Fundamental I, em horário de Turno Único, o qual as crianças permanecem por sete horas na instituição. Conta com uma equipe pedagógica composta por 28 professores, sendo 18 nas turmas de referência (5 na Educação Infantil, 3 no 1º, 3 no 2º, 3 no 3º, 2 no 4º e 2 no 5º anos), 1 na Sala de Leitura, 1 na Sala de Recursos, 3 de Educação Física, 2 de Artes (1 de Música e 1 de Artes Visuais), 1 de Inglês e 2 de Ensino Religioso (Católico e Evangélico). A gestão é composta por 1 Diretora Geral, 2 Diretoras Adjuntas e 1 Coordenadora Pedagógica. Há ainda 1 Secretária Escolar, 1 Agente Administrativa, 1 Agente Educadora, 1 funcionária readaptada que assume funções ligadas à portaria e 1 Auxiliar Administrativa.

Sendo assim, o interesse está em propor vivências formacionais que tenham como fio condutor as linguagens artísticas e estejam pautadas em uma Educação Estética, investigando de que modo a arte e a Educação Estética afetam/contribuem/ampliam as vivências docentes e reverberam no que é proposto às crianças? O que acontece quando os sujeitos-docentes vivenciam experiências de criação? Como o mergulho nas linguagens artísticas e suas múltiplas possibilidades afetam os docentes e repercutem na forma como dizem de si e atuam com as crianças? De revelar-se e se comunicar com o outro – adulto e criança? O que se aprende – tomando aqui o conceito de aprendizagem não como aquele que se restringe aos conhecimentos socialmente organizados, mas sim



relativo ao processo de fazer-se humano, conhecendo mais sobre si e sobre o mundo – ao se impregnar de vivências nas linguagens artísticas?

O desejo se constitui em acessar, a partir das experimentações artísticas e corporais propostas às professoras, o modo como a experiência chega a elas e repercute em seu fazer cotidiano, reverberando ou não nas crianças, por meio do que mobiliza e possibilita. A ideia é ofertar vivências que tenham como motivador o diálogo com a docência, as múltiplas linguagens e os sentidos, pois sabemos que “[...] são poucos os programas formativos que [preveem] temas atinentes ao campo afetivo, social e ambiental e ao papel dos fatores culturais e ambientais nas aprendizagens [...]” (GATTI, 2019b, p. 85 apud SARAVIA, 2005). A pesquisa citada foi realizada há quase quinze anos, mas ainda é muito atual, por isso, é fundamental esse entrelaçamento com a formação docente, de modo que seja problematizado e quebrado o ciclo que se perpetua, pois uma formação docente incipiente, que ao tentar abranger tudo, acaba dando conta de “muito pouco ou nada” (GATTI, 2019a, p. 30) reflete na formação que esse professor proporá às crianças que ao se tornarem adultas, têm grandes chances de reproduzirem essa relação, que acaba por se tornar cíclica e difícil de ser rompida, já que está associada ao senso comum sobre o fazer docente, que inclui as crenças de que: conhecer o conteúdo a ser ensinado, ter talento e bom senso, seguir a intuição, ter experiência e cultura são suficientes (GAUTHIER, 1998) ou que ser professor é possuir um talento, uma arte, um dom, uma missão e/ou mera ocupação (GATTI, 2019b).

METODOLOGIA

A pesquisa aqui apresentada se destina a propor vivências estéticas formacionais para um grupo de aproximadamente trinta e sete educadoras da Educação Básica, na instituição pública municipal na qual hoje, atuo como Diretora Adjunta. A ideia é dialogar com as múltiplas linguagens, tendo a Educação Estética e a troca com esse grupo docente como fio condutor.

Dessa forma, essa é uma pesquisa de campo, que tem como metodologia a Pesquisa-formação (LONGAREZI, 2013), pois a relação com a teoria se dá a partir dos questionamentos que surgem na prática cotidiana, que é reformulada e ressignificada, em um processo contínuo de retroalimentação entre prática-teoria-prática. Roldão (2007) corrobora com essa ideia ao defender que a formação docente não se dá apenas



sob um elemento e uma ótica, mas que é uma construção que integra elementos diversos, ligados ou não, à formação acadêmica propriamente dita. Isso significa que nem a universidade dará conta de todas as questões inerentes à docência, nem a prática construída no chão das instituições o fará. Sendo assim, a formação necessita de uma multiplicidade de saberes incorporados, vivenciados, refletidos e questionados (GATTI, 2019; GAUTHIER, 1998; TARDIF, 2014).

Como heurísticas da pesquisa, ofertamos treze vivências, enviadas ao grupo de trinta e sete educadoras duas vezes por semana, por meio de um grupo de whatsapp criado com essa finalidade. Cada uma das propostas contava com um registro, que se dava de maneiras diversas – escrita, desenho, fotografia, vídeo. Cada proposta era desvelada por meio de um convite que continha todas as informações sobre o que estava sendo ofertado e que convidava, desde a sua apresentação, à experimentação e fruição.

Esse caminho metodológico, iluminou os processos de construção de conhecimento das docentes, marcadas por uma formação que prioriza a razão e ainda separa o conhecimento em “caixas”, “disciplinas”, acreditando na existência de habilidades específicas e na separação de saberes, como se fosse possível dissociar a integralidade do ser humano.

REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico construído até aqui dialoga com a formação docente, tendo ROLDÃO (2007); GATTI (2019a; 2019b); GAUTHIER (1998); TARDIF (2014) e NÓVOA (1999, 2017) como interlocutores que ajudam não só a entender a história da docência no Brasil, como a pensar as especificidades dessa profissão e a urgência em conquistarmos a profissionalização docente. Com RINALDI (2017); VECCHI (2017); OSTETTO (2012, 2014, 2016), DUARTE JUNIOR (2000), ALBANO (2011); PERISSÉ (2014), BARBIERI (2011, 2012) e HOLM (2015) pensamos as concepções de Arte e Educação Estética.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A relação entre Educação e Arte é marcada por disputas em ambos os campos e não é à toa que tentam tirá-la do currículo. Vecchi (2017) enaltece o poder da arte



sublinhando sua potência enquanto dispositivo de resistência e traz a dimensão estética como “[...] o contrário da indiferença e da negligência, do conformismo, da falta de participação e de emoção.” (VECCHI, 2017, p. 28). Sendo assim, pensar os entrelaçamentos entre essas duas dimensões requer adentrar em terreno arenoso, repleto de possibilidades, mas nem sempre acessível.

Nas instituições educativas voltadas para a Educação Básica, a presença do fazer artístico é marcada, de um modo mais geral, por uma escassez de experiências em que estejam garantidas as possibilidades de experimentação, mobilização da capacidade criativa, liberdade e invenção (OSTETTO, 2016; TRIERWEILLER, 2013; BORBA; NOGUEIRA; BORBA, 2016). Soma-se a isso o fato de que na formação de professores, poucas são as experiências que abrangem o campo das artes (SILVA; RANGEL; FERREIRA, 2018). Também é preciso acrescentar que em muitas instituições municipais do Rio de Janeiro não há a figura do professor de artes, ficando a tarefa de garantir a presença das experiências artísticas a cargo dos professores de referência, que com já dito, em grande parte das vezes não teve contato com elas em sua formação.

A complexidade do cotidiano e o desejo de pesquisar as relações atravessadas pela arte e pela experiência foram desafios enfrentados nos primeiros passos da pesquisa e que ainda persistem. Perceber como se dão as interações, as sutilezas dos processos de construção de conhecimento, os interesses e a forma como reverberam em suas práticas pedagógicas cotidianas, é o que motiva essa pesquisa, que no diálogo entre o vivido e a teoria busca a construção de um caminho outro para se pensar a arte, a formação e a Educação Estética nas instituições.

Concordamos com os autores que defendem a necessidade de elencarmos os saberes que são próprios à docência e que configuram sua identidade profissional (ROLDÃO, 2007; GATTI, 2019; GAUTHIER, 1998; TARDIF, 2014 e NÓVOA, 2017). No entanto, o que temos percebido em nossa caminhada docente, dividida entre instituições públicas e privadas, ocupando diferentes posições – docentes, discentes, gestoras, pesquisadoras, sujeitos – é que a forma é tão importante quanto o conteúdo, ou seja, os objetivos, a organização das propostas e dos espaços, a forma como as relações são conduzidas, o respeito as individualidades, aos tempos e corpos de cada um dos indivíduos envolvidos no processo são tão relevantes quanto esse escopo profissional e precisam constituir-se como especificidades do fazer docente dada a sua ligação com a dimensão humana e com todo o enredamento que isso abarca.



Sendo assim, entendemos que a ação docente necessita de uma constante reflexão, que novamente será colocada em prática e que mais uma vez será confrontada com a teoria, pois como nos sugere Roldão (2007, p. 97)

A atividade de ensinar – como sucedeu com outras atividades profissionais – praticou-se muito antes de sobre ela produzir conhecimento sistematizado. Estas profissões transportam por isso uma inevitável “praticidade” que, a não ser questionada/teorizada, jamais transformaria a atividade em ação profissional e mante-la-ia prisioneira de rotinas não questionadas e incapazes de responder à realidade. Todavia, a progressiva teorização da ação, neste como noutros domínios, foi gerando, por sua vez, novos corpos de conhecimento, que passam a alimentar – e a transformar – a forma de agir dos profissionais em causa.

Por fim, é importante destacar que poucas são as pesquisas que se propõem a trazer o mote da formação docente a partir de dentro (IMBERNÓN, 2010), com uma ação que parta da gestão e que seja articulada no coletivo de educadoras, principalmente o fazendo pelo viés da relação com a estética e a arte. Diante disso, sublinhamos a invisibilidade de processos formacionais (MACEDO, 2020) que sejam planejados, organizados, geridos e acontecidos, em uma perspectiva estética e artística, dentro das instituições educacionais, propostos pela gestão em consonância com o grupo de educadoras que habitam esses espaços.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo assim, falar de arte na formação docente é necessário e urgente. Uma formação que se alimente das manifestações artísticas e das múltiplas linguagens, que seja capaz de promover o refinamento das sensibilidades, essa educação dos sentidos, tal qual nos coloca Duarte Jr., sem que com isso assuma uma postura colonizadora, que desconsidera esse indivíduo com o qual se relaciona. Contudo, possa abrir o leque das possibilidades, ampliando os repertórios e disponibilizando encontros que nos mobilizam a uma escuta, olhar, acolhimento, observação mais sensíveis, acolhendo o que nos chega e permitindo vivenciarmos experiências em nossos encontros, pois não há como garantir a relação que o outro estabelecerá, ou se, estabelecerá.

Diante de todo o exposto e sem ter a pretensão de concluir ou de trazer palavras finais, mas de abrir cada vez mais o escopo desta pesquisa, finalizamos este artigo ressaltando a importância de mobilizarmos docentes e discentes em um processo de construção de conhecimento que, resguardadas as especificidades de cada um dos



atores, seja coletivo, dinâmico, integral e que possibilite um maior diálogo entre o vivido e a teoria, na construção de um caminho outro para se pensar/experimentar uma Educação mais ética e estética.

REFERÊNCIAS

ALBANO, Ana Angélica. O ateliê de arte e a caixa de Pandora. In: ALBANO, Ana Angélica; STRAZZACAPPA, Márcia (Orgs.). **Entrelugares do corpo e da Arte**. Campinas, SP: FE/UNICAMP, 2011.

ANDRADE, Izabel Cristina Feijó de; PORTAL, Leda Lisia Franciosi. A inteireza do ser: uma perspectiva transdisciplinar na autoformação de educadores. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL – ANPED SUL, 9, 2012, Caxias do Sul. **Anais...** Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2012. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/1133/451>

BARBIERI, Stela. Processos de criação: educação e arte. In: ALBANO, Ana Angélica; STRAZZACAPPA, Márcia (Orgs.). **Entrelugares do corpo e da Arte**. Campinas, SP: FE/UNICAMP, 2011.

BARBIERI, Stela. **Interações: onde está a arte na infância?** São Paulo: Blucher, 2012. (Coleção Interações)

BORBA, Angela Meyer; NOGUEIRA, Amanda; BORBA, Taia N. M. Terra. Infância, Arte e Educação Infantil: as práticas com as múltiplas linguagens das crianças. In: REIS, Magali; BORGES, Roberta Rocha (Orgs.). **Educação Infantil: arte, cultura e sociedade**. Curitiba: CRV, 2016.

DUARTE JUNIOR, João Francisco. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. 2000. 234f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

GATTI, Bernadete Angelina et al. História e contemporaneidade: formação e trabalho de professores e professoras. In: GATTI, B. A. et al. **Professores do Brasil: novos cenários de formação**. Brasília: UNESCO, p. 15-44, 2019a.

GATTI, Bernadete Angelina et al. Aspectos das formações para professores e professoras em alguns países na América Latina e no Brasil. In: GATTI, B. A. et al. **Professores do Brasil: novos cenários de formação**. Brasília: UNESCO, p. 79-98, 2019b.

GAUTHIER, Clermont et al. Ensinar: ofício estável, identidade profissional vacilante. In: GAUTHIER, Clermont et al. **Por uma teoria da Pedagogia: pesquisas contemporâneas sobre o saber docente**. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1998.



GUEDES, Adrienne Ogêda; FERREIRA, Michelle Dantas. Formação sem fôrma: a singularidade do processo de ser professor da Educação Infantil. **Educação**, Porto Alegre, v. 43, n. 1, p. 1-12, jan.-abr. 2020.

HOLM, Anna Marie. **Eco-Arte com crianças**. São Paulo: Unic Gráfica e Editora Ltda., 2015.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação continuada de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

LONGAREZI, Andrea Maturano. Pesquisa-formação: um olhar para a sua constituição conceitual e política. **Revista Contrapontos** - Eletrônica, vol. 13, n. 3, set-dez 2013, p. 214-225.

MACEDO, Roberto. **Formação de professores, educação online e democratização do acesso às redes**. Congresso Virtual UFBA, 2020.

NÓVOA, António. O passado e o presente dos professores. In: NÓVOA, António. **Profissão Professor**. Porto Editora: Porto, p. 13-34, 1999.

NÓVOA, Antonio. Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente. In: **Cadernos de Pesquisa**. Fundação Carlos Chagas. v. 47, n. 166, p. 1106-1133, out/dez. 2017.

OSTETTO, Luciana Esmeralda; LEITE, Maria Isabel. **Arte, infância e formação de professores: autoria e transgressão**. Campinas, SP: Papirus, 2012.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Danças circulares na formação de professores: a inteireza de ser na roda**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2014.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Formação de consumidores ou criadores? Cultura e arte na Educação Infantil. In: REIS, Magali; BORGES, Roberta Rocha (Orgs.). **Educação Infantil: arte, cultura e sociedade**. Curitiba: CRV, 2016.

PERISSÉ, Gabriel. **Estética & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. (Coleção Temas & Educação)

RINALDI, Carla. **Diálogos com Reggio Emilia: escutar, investigar e aprender**. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2017.

ROLDÃO, Maria do Céu. Função docente: natureza e construção do conhecimento profissional. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, v. 12, n. 34, p. 94-103, jan./abr. 2007.

SILVA, Edilane Oliveira; RANGEL, Graciele Andrade; FERREIRA, Michelle Dantas. A Educação Estética nas Universidades: relações estabelecidas nos currículos. In: SEMINÁRIO DE GRUPOS DE PESQUISA SOBRE CRIANÇAS E INFÂNCIAS (GRUPECI), 6., 2018, Belém. **Anais...** Belém: Universidade Federal do Pará, 2018.

TARDIF, Maurice. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. In: TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 17. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.



TRIERWEILLER, Pricilla Cristine. Repertórios artístico-culturais de professores da Educação Infantil: discursos e sentidos estéticos. In: KRAMER, Sonia; ROCHA, Eloisa Acires Candal (Orgs.). **Educação Infantil: enfoques em diálogo**. Campinas, SP: Papyrus, 2013. (Série Prática Pedagógica)

VECCHI, Veia. **Arte e criatividade em Reggio Emilia: explorando o papel e a potencialidade do ateliê na educação da primeira infância**. São Paulo: Phorte, 2017.